



I E-BOOK
DE POESIA RETRÔ

PREFÁCIO

A poesia é a mais antiga das artes literárias. Surgindo mesmo antes da prosa, a “arte do arranjo harmônico entre as palavras” sempre despertou fascínio no ser humano, por envolver todo um ritmo, uma constante, quase um mistério que não se limita ao simples arranjo: a poesia é todo um conjunto sonoro e semântico, e pode abrigar todos os gêneros existentes na prosa; vai do lírico ao satírico, pode informar, transmitir conhecimento, ou pode semear o sentimento do poeta, que é quem participa e ao mesmo tempo fica alheio a isso tudo: o poeta é o catalisador das coisas que pairam nos ares. É aquele que critica e que, ao mesmo tempo engrandece e exalta.

Nesses milênios em que esta arte existe, diversos autores criaram tipos e formas diferentes, trabalharam diversas correntes literárias, cada uma com sua característica, até os dias de hoje, onde a poesia cada vez mais se torna uma mistura homogênea entre tudo o que existiu antes.

Buscando retomar essas formas do passado, surgiu o projeto do blog Poesia Retrô. O blog foi fundado por nós em março de 2009. Depois, novos escritores surgiram e ainda aguardamos a vinda de novos para o nosso grupo. Não queremos lutar contra a modernidade, pelo contrário, ela nos auxilia muito, mas nem tudo que se faz hoje é válido como nem tudo que se fez ontem era errado. Nosso intuito é trazer o passado ao presente, incorporando os três tempos num só. É o valorizar do que existiu dando existência e roupagem, tanto antiga como nova. Fazer o Simbolismo, Romantismo, Parnasianismo, e todos os outros movimentos ressurgirem; bem como as formas poéticas do passado: o soneto, tão famoso, as trovas, as cantigas, as formas metrificadas. O uso de arcaísmos e temas passados, mitológicos, idílicos, também é presente em nosso trabalho, onde, acima de tudo isso, valorizamos a nossa linguagem.

Belíssima é a variedade lingüística que usamos: o português brasileiro. Tal modalidade da língua portuguesa está diretamente associada à proposta de nosso *blog*, o arcaísmo. Em exemplo, temos preferência pela preposição “em” ao invés de “a”, muito utilizada pelos portugueses atuais: estar na janela, estar à janela. O seguinte trecho de Camões comprova tal uso. VI, 17-18: “Os cabelos da barba e os que decem da cabeça **nos** ombros”, ou seja, a preferência é antiga. O uso do pronome pessoal reto como objeto, o que é considerado “errado” pela gramática normativa é comuníssimo no Brasil e já não comum em Portugal. É interessante que este “erro” é já praticado por Fernão Lopes na colonização brasileira: “El-rei mandou-o logo prender, e levaram **ele** e Mateus Fernandes a Sevilha”.

Podemos também falar da riqueza de nosso dialeto do idioma português. Guimarães Rosa, em entrevista, disse: “[...] Temos que partir do fato de que nosso português-brasileiro é uma língua mais rica, inclusive metafisicamente, que o português-europeu. E além de tudo, tem a vantagem de que seu desenvolvimento não se deteve; ainda não está saturado. É um idioma “além do bem e do mal”, e apesar disso, é incalculável seu enriquecimento, devido a razões etnológicas e antropológicas. [...]”.

Então, temos como credo a bandeira da linguagem. Da não-morte das palavras, como fez Guimarães e todos os outros, usando-se delas para a busca do Infinito, da expressão, da metafísica do homem e do mundo.

Gabriel Rübinger e Rommel Werneck.

O I E-BOOK POESIA RETRÔ apresenta os seguintes escritores e propostas:

BRENO FILTH: anseio por tempos melhores no mudar das estações (Pulcro Coração)

CAMILLE CLAUDEL (GEOVANA): estilo gótico, releitura do Ultra-Romantismo (Gótico, Diálogo Com Um Coveiro), relato autobiográfico (Camille Claudel)

DÉIA TUAM: retomada da cantiga de amigo, do lirismo, do “amigo distante” (Tristan);

DENISE SEVERGNINI: idealização do amor numa atmosfera de busca da donzela e do cavaleiro (Romanesca, Romantismo); Abstinência do amor, saudade numa linguagem retrógrada (Ósculo Ausente); o retrato de um artista plástico em acróstico (Albecht Dürer).

EDIR PINA DE BARROS: erotismo e paganismo (Bacante! Tu me chamas, com ironia!), (Ressentimento); o erro primeiro do homem num contexto pagão e cristão (Homo Ingratus); mistura entre flor (terrestre) e lua (celeste) num soneto proposto pelo desafio poético machadiano (Idílio sideral); Soneto infanto-juvenil em redondilha maior envolvendo o cristianismo e a busca por jovens lutando pela justiça (Ide jovens, co’as sementes!).

GABRIEL RÜBINGER: releitura do Arcadismo, usando, além disso, uma crítica oculta à forma de vida que levam os homens (Carpe Diem ou Canção do Desencanto e Encanto); culto à natureza e crítica social (Santa Natura); efemeridade da vida (Último Adeus), noturno em clima ultra-romântico (Elegia Segunda).

CARLOS ANDRÉ (KATATONIC): clássicos sonetos etéreos aspirando o “vago” do Simbolismo (Incenso, Floresta), também escrevendo sobre a atualidade (Modernidade) e sobre o amor noturno ultra-romântico (Madrugadas).

LUCIANO ALENCAR: resgate da lírica trovadoresca na linha cantiga de amigo (Cantiga de Amigo I, Cantiga de Amigo II) e cantiga de amor (Cantiga de Amor I, Cantiga de Amor II).

ME MORTE: o amor contemplativo e reverente (O Plebeu e a Princesa)

PABLO FLORA: o nascimento do amor nos corações, a pureza (Uma Flor- de-Lótus Nasce); impasses do vento, frustrações da vida (Desvario do Vento); o lado gracioso e puro da flor e do amor (Das pétalas da Rosa).

POETA LENDÁRIO: (escritor com vários heterônimos) linguagem rebuscada e “arte pela arte” (Tão bela és tu, Natureza! E és tão Ferosa!), (O ouro e a prata às mais sacras esculturas! e A arte pela arte e o engenho lapidado); soneto sobre a beleza da clássica personagem dos contos de fada (Branca de Neve (Snow White) (usando, neste soneto, o heterônimo Encanto das Sombras).

ROMMEL WERNECK: sensualidade masculina e paganismo (Jóia); melancolia, dramaticidade e dependência da criatura amada (Antes, agora e sempre). Contemplação da amada dormindo (Dormindo), inspiração no vídeo game e no heroísmo atemporal (No Templo do Tempo).

VITOR DE SILVA: três sonetos: vontade de superação (Castiçais); decadentismo, eu-lírico confrontando as adversidades filtradas dentro das sensações oníricas de sofrimento e ilusão (Espasmos).

ZÉLIA NICOLODI: o distanciamento da atualidade e uma possível vinda de longe, inspiração no inconsciente (Venho de Longe), reflexões (Não temo as sombras), espera e lembranças de um amor (Quarto Azul).

TEXTO DE ABERTURA

TEXTO: Cantiga ao Vento

TENDÊNCIA: Trovadorismo – Cantiga de Amigo

(Eu-lírico feminino, lamentação pela distância do amado, amigo, religiosidade, refrão, presença de elemento da natureza)

Há muito o Outono foi-se, e foi-se dele junto
Meu amigo, ao vento, para o nunca mais.
Junto às naus tão tristonhas dos donos do mundo,
E ficara eu, sozinha, chorando os meus ais...

Ó Deus, ver-lo-ei 'inda em vida?

Poupai-me, ó Céus, tão plúmbea¹ crueldade!

Ah! Qual'ora de qual dia será de nossa hora?
Ah! Qual dia de qual mês trar-me-á divina paz?
Ah! Amigo meu, aonde que vou ver-vos?
Tornai, ó Musas e Ventos, tornai-me capaz!

Ó Deus, vê-lo-ei 'inda em vida?

Poupai-me, ó Céus, tão plúmbea crueldade!

Rogo-vos, apois², vento soberano e puro
Que cá sofro por medo a pensá-lo em perigo,
Não mais atuí³ minh'esperanças insones
E fazei-se bom para as velas de meu amigo!

Ó Deus, vê-lo-ei 'inda em vida?

Poupai-me, ó Céus, tão plúmbea crueldade!

¹ - Plúmbea – relativo a chumbo, por extensão, triste, pesado.

² - Apois – forma fonética, interiorana e popular, de “pois.” (a- protético + pois).

³ - Atuí – de atuir, obstruir, entupir.

CRIAÇÃO COLETIVA DE:

DÉIA TUAM, GABRIEL RÜBINGER E LUCIANO ALENCAR.

BRENO FILTH

TEXTO: PULCRO CORAÇÃO (INDRISO)

TENDÊNCIA: Esperança no mudar das estações.

Pulcro Coração

Pulcro¹, pulcro coração, tão
Distante da rosa do verão,
Tão perto dos galhos secos do inverno...

Primavera que desperta
Um momento na hora certa...
Então que venha o outono

Para que resgate meu coração

Da fúnebre escravidão do inverno.

¹ - Pulcro: formoso, belo

CAMILLE CLAUDEL (GEOVANA)

TEXTO: SUICIDAL DREAM

TENDÊNCIA: Ultra-Romantismo

(O eu-lírico clama pelo fim de sua vida, a qual vê como um tormento que deve escapar depressa, por ser-lhe insuportável).

Suicidal Dream

Sonho de morte, o que tenho agora:
Desejo provar um veneno de amargo sabor
Que espalhe pelo corpo um suave torpor
E leve toda a minha vida embora.

Sonho de morte, consuma-se sem demora!
Pois o sepulcro não me inspira qualquer temor
Uma vez que aliviará minh'alma de tanta dor
A agonia que vivo a toda hora.

Meu coração, doente, moribundo
Cansou-se inteiramente deste mundo,
De nele ser uma imagem desvanecida.

No veneno encontrei minha esperança
De tornar-me, por fim, uma lembrança,
A memória de um sonho suicida...

NOTA:

Suicidal Dream: nome em inglês, cuja tradução é "Sonho suicida". O soneto foi inspirado numa música da banda Silverchair que tem este nome e faz parte do álbum *Frogstomp* (1995).

TEXTO: GÓTICO

TENDÊNCIA: Descrição de um gótico, retomada do estilo ultra romântico, retrato de um ser de uma “tribo” urbana atual, mas com características dos séculos passados.

Gótico

Consorte das Sombras, à noite vaga
Caminha solitário pelos cemitérios
Meditando sobre a morte, seus mistérios
Em pensamentos obscuros ele divaga¹...

De trajes incomuns, não se assusta
Com infortúnios que a vida lhe traz
Procura na introspecção alguma paz,
Na dor a sabedoria mais augusta².

Dono de um humor incompreendido
Vê o mundo pelo ângulo da tristeza
Sentimento que reveste de beleza
Ainda que tenha um coração desiludido.

Rejeita modismos e qualquer estereótipo³
Pois ele sabe quem é, afinal:
Apenas um simples mortal
Ao qual intitulam gótico.

¹ - Divagar: devanear, imaginar.

² - Augusta: sublime, elevada.

³ - Estereótipo: imagem mental padronizada, tida coletivamente por um grupo, refletindo uma opinião demasiadamente simplificada, atitude afetiva ou juízo incriterioso a respeito de uma situação, acontecimento, pessoa, raça, classe ou grupo social.

TEXTO: DIÁLOGO COM UM COVEIRO

TENDÊNCIA: O escapismo ultrarromântico é expressado pelo eu-lírico quando este se diz encontrar com um coveiro num cemitério e pedir ao trabalhador que enterre o seu coração, mostrando-se completamente exausto diante das dores da vida.

Diálogo com um coveiro

Estava ele sozinho, a cavar o chão
Quando o vi no Jardim Mortuário¹
Então pedi ao serviçal funerário²:
" Enterrai o meu coração!"

Ele olhou-me com indagação
Respondendo num tom de censura:
" É vossa vida tão dura
Que queres enterrar o teu coração?"

Como um servo ao rei, em petição
Adiantei-me, com expressão piedosa
E insisti numa voz dolorosa:
" Enterrai o meu coração!"

Desejando compreender a questão
Ele tornou a falar outra vez:
" Criatura, o que é que te fez
Querer enterrar o teu coração?"

Dei-lhe a minha explicação:
" Se meu amado a Morte levou consigo
A Dor encontrou em mim seu abrigo,
Enterrai o meu coração!"

Ele se pôe absorto em meditação³
Até afirmar com grande seriedade:
" Tua alma será vazia de verdade,
Se eu enterrar o teu coração..."

Não lhe fiz qualquer objeção⁴
Apenas tiro do peito o tormento
E dou-lhe naquele momento:
" Enterrai o meu coração!"
Ele o pôe num pequeno caixão
Que vai à cova com meu adeus:
" Descansem em paz, sonhos meus
Que a nada serve o meu coração!"

- 1 - Jardim Mortuário: cemitério
 - 2 - Serviçal Funerário: coveiro
 - 3 - Meditação: reflexão
 - 4 - Objeção: contestação, aquilo que se mostra em oposição ao que lhe é apresentado.
-

TEXTO: CAMILLE CLAUDEL

TENDÊNCIA: A vida atormentada da escultora francesa Camille Claudel é apresentada em versos, como se a própria artista os tivesse escrito após sua morte. Através da típica melancolia ultra-romântica, Camille relata brevemente a sua trajetória, que finaliza ao citar sua imensa paixão por August Rodin, também escultor francês, da qual ela foi amante por muitos anos.

Camille Claudel

Tive na vida o dom concedido
Àqueles espíritos que nasceram pr'arte¹
Tive em mim um sonho perdido,
Uma cruz levada em toda parte.

Tive na vida ódio, paixão e loucura,
Mais dor do que alguma alegria
E o amor que imprimi na escultura,
Repousa comigo na lápide fria.

Tive em vida pouco reconhecimento
Se me lembram, é no eterno sono²
Que ninguém vem por um momento
Coroar de rosas³ o meu abandono.

O que mais tive na vida? Somente o pranto...
Ah, se tive mais, já não o sei dizer!
Como Werther⁴, que amou muito, amou tanto,
Por Rodin, também me vi morrer!

1 - Pr'arte: para a arte – no poema foi feito esta elipse a fim de tornar o texto mais conciso.

2 - Eterno sono: morte, na estrofe assume um caráter de “em memória”.

3 - Coroar de rosas: com este termo, o eu-lírico do poema diz que nenhuma pessoa ao menos visita seu túmulo agora, deixando-lhe rosas.

4 - Werther: personagem central do romance *Os sofrimentos de Werther* (1774), escrito por Goethe. Camille compara sua paixão por August Rodin com a que Werther tinha pela moça Carlota, sentimento tão intenso que levou a personagem principal da obra ao suicídio.

DÉIA TUAM

TEXTO: TRISTAN (INDRISO)

TENDÊNCIA: Trovadorismo - Cantiga de Amigo

(Eu-Lírico Feminino; lamentação pela distância do "Amigo"; "Amigo" afastado a serviço do rei ou em batalhas; presença de elementos da natureza)

Tristan

Ai! Que busco, na sexta hora primaveril!

Ai! Que caço, na quinta hora, verão ardil!

Vossa nau nas margens? Nas marés a zombar?

Alvacentos montes do mar do outono!

Sepulcrais ventos de inverno e sono!

A tragar-m'a esperança do vosso retornar!

Que meu longínquo amigo foi, a serviço de nosso rei

E se non voltardes, mãe das sombras, ai, serei!

DENISE SEVERGNINI

(Glossário por Gabriel Rübinger e análise por Rommel Werneck)

TEXTO: Romantismo

TENDÊNCIA: Romantismo

(espera pelo grande amor, idealização do amor)

ROMANTISMO

Oh! Doce amada!
Tomo tuas delicadas mãos
Dentre as minhas.
Assento nelas um beijo respeitoso.

Oferto-te, meu amor,
Como terno relicário
Repleno de anseio.

Meu coração lateja,
Ao vislumbrar tua lívida fâcies,
Teu vulto plácido
Como a afável pétala da rosa!

Primorosa percepção!
Enlevo, encantamento!

Suave afeto de minha existência!
Apreendo-te em meu pensamento.
Aspiro ao momento de coabitar contigo!

Sou teu inexaurível¹ arrebatado,
Querubim de meu devaneio aurífero!

Consagro a ti uma alfombra² de flores
Para auferir³ tua passagem,
Quando emanas à veemência⁴ de meus amplexos⁵!

Amo-te mais do que possa proferir avelhantados saltérios⁶!
És tu, meu valioso thesaurus,
Bendição majestosa, alocação matutina!

Anelo sorver teu ósculo divinal⁷
Para amainar delicada volição
Desperta em meu cerne⁸,

Quando meus olhos procuram o teu contemplar!

- 1 - Inexaurível: inesgotável.
 - 2 - Alfombra: tapete.
 - 3 - Auferir: Obter, colher.
 - 4 - Veemência: Vigor.
 - 5 - Amplexos: Abraços.
 - 6- Avelhantados Saltérios: Satérios (instrumentos de cordas) envelhecidos.
 - 7 - Anelo, sorver, ósculo: respectivamente: anseio, beber, beijo.
 - 8 - Cerne: âmago.
-

TEXTO: ROMANESCA

TENDÊNCIA: Romantismo

(idealização do amor numa atmosfera de busca de um cavalheiro, versão feminina do poema Romanesco).

Romanesca

Oh! Amado dos mantos em negrumes espectrais!
Dedilho-te em evanescentes filigranas auspiciosas.¹
Lassidão absorta² a tua... Evoco Poseidon³ nos abissais.
Rogando-lhe tua anátema destas hordas prestigiosas!⁴

Numa abóbada celeste guarnecida de meus fadários,⁵
Esquadrinho-te como pulcra figura do bem fantasmal
Não nego amar-te... Pouco de ti apreendo nos hinários
De meu lied conspícuo⁶, entoada a ti no cortejo sepulcral

Nulo ósculo, inexistente amplexo... Somente falácias.⁷
Eternal viuvez de um fêmeo íntimo deslumbrado!
Eu: Romântica nas expectativas, dolente nas tuas inércias!
Cavaleiro das plangentes azinhagas, tu és desalmado!⁸

Tombo no vácuo noturno... E o plenilúnio⁹ tão denso
Vocifera toda crucificação no feminino cerne sacrificado¹⁰
Altivo cavalariano, declina do negro corcel e propenso
Oblata amor a esta dama detentora de imo¹¹ extasiado!

- 1 - Auspiciosa: de bom augúrio.
- 2 - Absorta: absorvida, enlevada, exatisada.
- 3 - Poseidon: deus dos mares.
- 4 - Anátema, horda: respectivamente: maldição, bando indiscriminado.
- 5 - Fadário: destino talhado por mãos sobrenaturais; vida trabalhosa.
- 6 - Lied, conspícuo: respectivamente: certo tipo de poema, visível.
- 7 - Falácia: mentira.

8 – Plangente, azinhaga: respectivamente: lastimoso, caminho estreito.

9 - Plenilúneo: lua cheia.

10 - Cerne: ver nota do poema Romantismo.

11 - Imo: centro, interior, âmago.

TEXTO: Albrecht Dürer (Acróstico)

TENDÊNCIA: O retrato e a trajetória de um artista plástico;

Albrecht Dürer

Agnes Frey, dama imposta ao paladino
Logrou infeliz consórcio... Trafegou
Bendita ítalo¹ clima, delineou seu destino
Regozizou-se² na Germânia, onde ousou
Esculpiu em cobre, pintou... Xilogravura
Cenas místicas, Madonas, seres satíricos
Hegemonizou³ perspectiva e proporção na pintura
Transcendeu na inventividade com seus épicos

De aparência etérea, foi magistral na arte
Um arquiteto perfeito, além do seu tempo
Renascimento, alento⁴ fecundo em sua vid'arte
Ensimesmado⁵ por enfermidade e contratempo
Retornou a Deus como todo gênio que parte

1 - Ítalo: italiano.

2 - Regozijar: alegrar-se muito.

3 - Hegemonizar: ter preponderância, supremacia.

4 - Alento: ânimo.

5 - Ensimesmado: absorto, introvertido.

TEXTO: Ósculo Ausente

TENDÊNCIA: Abstinência do amor, saudade numa linguagem retrógrada, sonhos do passado

Ósculo Ausente

Nas cortinas do tempo, bordei minhas quimeras
Templário de sonhos, foste tu, que arquitetei
Observei-te ao longe, já de outras e outras eras
Sorvendo as essências daquele beijo que não dei

Na medievalidade da existência, enclausurei-me
Nos antros¹ de fantasmais e impenetráveis castelos
Oh, Deus! Como não afoitei do cavaleiro chegar-me?
Hodierno² estado, são as acabrunhas³ dos meus anelos!

Símplice plantinha, na estrada, eu observei tua passagem
E preservei no âmago do meu ser, tua figura heróica
Beijei-te, em filigranas⁴ de sonhos, mas sem coragem
Nunca proferi sequer eu te amo, na paisagem bucólica...

Bailaram as sazões⁵, os meses, os anos... Novas estações
Maquiei-me de rugas, encaneceram as minhas melenas⁶
Anego⁷ ainda em meu ser ósculo ausente... Tantas ilusões
Rascunhei uma biografia em sonhos! Esperei como Helenas!

1 - Antro: funda, gruta, caverna.

2 - Hodierno: atual.

3 - Acabrunha: abatimento.

4 - Filigrana: coisa vã.

5 - Sazão: estação.

6 - Melena: crina, cabelos longos e soltos.

7 - Anego: submerjo.

EDIR PINA DE BARROS

TEXTO: IDE JOVENS, CO'AS SEMENTES

TENDÊNCIA: Soneto em estilo neoclássico, em redondilha maior ou redondilha (versos de sete sílabas poéticas). O nome redondilha foi dado, a partir do século XVI, às estrofes em verso de cinco ou sete sílabas — a chamada medida velha. Aos primeiros dava-se o nome de redondilha menor e, aos segundos, de redondilha maior. Estilo dos cancioneiros medievos que antecedeu ao soneto; a redondilha foi muito utilizada pelos poetas do Cancioneiro Geral e por Camões.

Ide jovens, co'as sementes!

Ide jovens, co'as sementes!
O mundo é vossa lavra...¹
Mantende sonhos ardentes
E sustentai a Palavra!²

Lutai co'as unhas e dentes
Defendais o fino trato,
A todas aquelas gentes
Que conhecem só maltrato!

Não percais um só segundo,
A luta é duradoura...
A vida é tão movediça!

Ide jovem, pelo mundo,
Cuidar da vossa lavoura,
Semeai força e justiça!

Cuiabá, 9 de junho de 2009.

¹ - Lavra - lavoura.

² - Palavra - Alta expressão do pensamento; verbo; doutrina, a Palavra de Cristo ou de Buda.

TEXTO: BACANTE! TU ME CHAMAS, COM IRONIA

TENDÊNCIA: Soneto decassílabo sáfico (tônicas nas 4ª, 6ª e 10ª Sílabas), estilo neoclássico.

Bacante! Tu me chamas, com ironia (Ressentimento)

Bacante!¹ Tu me chamas, com ironia
Perdida e só no pélagos³ da vida,
Nas alvacentas brumas, tão vencida!
Um simulacro⁴ só, sem galhardia!⁵

Mísera nau, ao léu, sem luz do dia!
Assim me tens, bacante, só, perdida...
E que lasciva, nua, desmedida,
Tão sem pudor, se entrega à luxúria!⁶

No teu olhar não vejo mais o lume,⁷
Daquele amor que fora meu antanho⁸
Ficou tristonho, sem alumbramento⁹!

Não sou bacante, ou vinho que se escume,
Em qualquer boca impura d'um estranho!
No coração só tens ressentimento!

Cuiabá, 11 de junho de 2009

- 1 - Bacante – Sacerdotisa de Baco², mulher devassa; mênade, tíade, mulher libertina
- 2 - Baco - é o equivalente romano do deus grego Dioniso; deus do vinho, da ebriedade, dos excessos, especialmente sexuais, e da natureza.
- 3 - Pélagos – mar alto, Oceano, profundezas
- 4 - Simulacro – falsificação, imitação, disfarce, simulação
- 5 - Galhardia - elegância, garbo, grandeza de alma, valor
- 6 - Luxúria – incontinência, lascívia, sensualidade, libertinagem
- 7 - Lume – brilho, luz, fulgor
- 8 - Antanho – tempos idos, antigamente, outrora
- 9 - Alumbramento – deslumbramento, encantamento

TEXTO: HOMO INGRATUS (INGRATIDÃO)

TENDÊNCIA: Soneto decassílabo sáfico (tônicas nas 4ª, 6ª e 10ª sílaba), estilo neoclássico.

Homo Ingratus¹ (Ingratidão)

Oh! Prometheus! Forjastes os mortais
Com vossas mãos, com lágrimas, argila!
E por amá-los destes muito mais:
O fogo divinal que hoje cintila!

Acorrentado fostes numa rocha,
No mar bravio, sozinho, a sofrer,
Porque roubastes tão sagrada tocha!
Atormentado e só fostes viver!

E apiedado, Zeus² um belo dia,
Mandou matar a águia tão voraz!
No chão sagrado fostes reviver!

Ah! Prometheus!³ Senhor da profecia!
Os vossos filhos não se lembram mais
Da vossa dor, do vosso bem-querer!

Cuiabá, 9 de junho de 2009

1 – Homo: gênero que inclui o homem moderno e os seus parentes próximos, ingratus: ingrato, em latim

2 – Zeus: Deus na mitologia grega, regente dos deuses do Olimpo; corresponde ao deus Júpiter Romano; foi considerado, de acordo com Homero, o pai dos deuses e dos mortais.

3 - Prometheus (Prometeu): Senhor da profecia, na mitologia grega, criou os homens e deu-lhes o fogo – que roubou Olimpo e que era exclusivo dos deuses – o que assegurou a superioridade dos homens sobre os outros animais. Como castigo a Prometeu, Zeus ordenou a Hefesto acorrentá-lo ao cume do monte Cáucaso, onde todos os dias uma águia (ou corvo) ia dilacerar o seu fígado que, por ser Prometeu imortal, regenerava-se, até que um dia Zeus permitiu a Hércules resgatar o prisioneiro, romper seus grilhões e matar a águia.

TEXTO: IDÍLIO SIDERAL

TENDÊNCIA: Soneto decassílabo sáfico (tônicas na 4^a, 6^a e 10^a sílaba), em estilo neoclássico. O primeiro verso é de Machado de Assis, do soneto que Dom Casmurro não escreveu.

Idílio Sideral

Oh! Flor do céu! Oh! Flor cândida e pura!
Tu me provocas tanto e eu te desejo!
Nas tuas belas pétalas eu vejo
Serenos mar de amor e de loucura!

Oh! Flor do Céu! Tua ímpar formosura
Que me entenece tanto e que versejo!
E delirando sempre a lira¹ arpejo...
Vou te buscando em noite tão escura!

Oh! Flor do Céu! Meu íntimo acalanto²!
No firmamento, véu do teu encanto,
Insanamente quero te buscar!

Se no sidéreo³ espaço eu te encontrar
Eu bendirei tal sorte de te amar
E de emoção cairá sereno pranto!

Cuiabá, 16 de abril de 2009

1 – Lira: instrumento musical de cordas, cuja origem se perde nos tempos mitológicos; os recitais poéticos dos antigos gregos eram acompanhados pelo seu som, no sentido poético; símbolo da poesia, instrumento de Orfeu (mitologia grega), poeta e músico.

2 – Acalanto: acalento, cantiga de ninar, afago, carinho

3 – Sidéreo: sideral, relativos aos astros ou próprios deles, celeste

GABRIEL RÜBINGER

TEXTO: Carpe Diem ou Canção de Desencanto e Encanto.

TENDÊNCIA: Neo-Arcadismo; Classicismo

(Exaltação da Razão; Exaltação do Hoje; Distanciamento da Cidade; Crítica Social, Mitologia)

Nem no Juízo e nem no soar
Da Sétima Trombeta pela margem
Do jazer de flores finas no mar
Sobre a branda e celeste paisagem;

Nem no passar da Última Carruagem
Do último dormir de Febo¹ no ar,
Ou na sibilância da terminal miragem
Onde tudo há de se encontrar;

Nem no último vento de friagem,
Da bruma mais álgida sem par,
Nem no último adeus que, sem bagagem,
Será 'onde vamos nos abraçar;

Nem na derradeira escura imagem
Que há de pairar pelo luar,
Da extrema antiga alunissagem²
Que ainda não houve quasar³,

Maior que pudesse na montagem
Do corcel dos dias, tropegar⁴
Na última ilusão, na última visagem⁵
Que em pouco há de se dissipar.

Nem mesmo na última paragem,
Na última parada do último lugar,
A forma plástica da modelagem
Dos seres e sombras há de mudar.

Nada há de se mudar pela ramagem
Espessa que forma o nosso lar,
(Um planeta pequeno) na linhagem
Incontável do que pôde passar

Pelos anos perdidos na clonagem
Que segundo a segundo há de matar
Devagar, um a um ser na forragem
De células que vivem p'ra passar.

Nada há de mudar; não nessa viagem
Que a missão não sabemos, mas que há
Há, e passamos a vida na dosagem
Regular, meio suspeitos por cá

Pensando se haverá outra pastagem
Outro mundo, outro canto p'ra cantar,
Ou se a vida é uma única tiragem
Que é feita apenas para se amar.

Só sabemos que temos a passagem
De ida ou apenas p'ra voltar,
E não há nesse mundo paisagem
Que um dia não há de evaporar.

Viva, pois, respire, que a viagem
Pode ser única e não mais que entrar
Para a terra de novo seja a contagem
Dos dias que ainda temos a passar.

- 1 - Febo: Apolo, Filho de Latona, o Sol.
- 2 - Alunissagem: aterrisagem na Lua.
- 3 - Quasar: espécie de estrela.
- 4 - Tropegar: variação de trôpego para um verbo, tropegar.
- 5 - Visagem: visão, ilusão.

TEXTO: Santa Natura

TENDÊNCIA: Arcadismo e Classicismo

(Exaltação da Natureza, pitadas de mitologia, além de crítica social)

"[...] a Terra, mãe das coisas, cobrirá o que ela mesma produziu."
(provérbio latino)

Oh! Celestiais matas de verde orvalho,
Poços de beleza, amor e carbono...
Jogados ao pó, ao ébrio abandono,
Dos homens, teus filhos, filhos de teu galho...

Oh! Candor da vida! Macio agasalho,
Nosso outro pulmão, nossos irmãos de outono...
Jogados ao pó, pelo visgo¹ do abono,
Sem saber que voltamos pro mesmo assoalho...

Ó Sublime Mãe-Terra (brado iracundo)²,
Perdoai o borrão dos homens no mundo,
Perdoai o homem e seu abandono!

Ó Sublime Natura, tão forte e tão dura,
Perdoai os erros desta criatura
Tão frágil que tem o nome de humano!

1 - Visgo: arbusto, visco. Tomado de visco o sentido de “engodo”.

2 - Brado iracundo: (eu) grito com raiva, ira.

TEXTO: Último Adeus

TENDÊNCIA: Leve Barroco e Ultrarromantismo

(Efemeridade da vida, clima fúnebre)

A lápide contrita e vagarosa,
Que cruza o mar errante que em mim brota,
Torce-me o peito qual velha gaivota
Que voa sem destino, sinuosa.

A frágil languidez¹ da argêntea² gota
Que verte em minha face pesarosa,
Toma em si a forma branca de uma rosa
No seio de uma angélica garota.

No tronco de meu corpo nascem lagos
Profundos e infundos por afagos
Que hoje me mergulham em tristeza.

Choro à tão sepulcral ventura vinda
Por despedir-me de uma flor tão linda
Que então dará a terra sua beleza.

1 - Languidez: Fraqueza.

2 - Argêntea: Prateada.

TEXTO: Elegia Segunda

TENDÊNCIA: Ultrarromantismo

(Fuga da realidade para o mundo dos sonhos, da fantasia e da imaginação (escapismo, evasão), gosto pelo noturno; morte)

Dorme, sombria, a Lua no jazido
Coberto de mármore contrito e gelado.
A cidade dorme, o tempo está parado
E há poucos passos no espaço dormido.
O bosque de éter está envolvido,
A bruma percorre adentro dos bordos.
Nas lápides cinza dos corpos balordos¹
Caminha a Senhora Da Foice, divaga²,
Percorrendo, álgida, a vivência vaga,
Dos humanos, tão frágeis, tão fardos³.

Nos redemoinhos, estacas e dentes,
Sobre a imensa batida de ventos e corvos,
Vai tragando a noite em divagos torvos⁴,
Movendo os olhos de sevas⁵ serpentes.
E vai caminhando nos vãos corroentes,
Que correm as noites maciças de sangue.
E ela sempre vem: na floresta ou no manguê
Nenhum ser na Terra pode lhe amar⁶.
E está sempre em sua sombra a atalhar
Qual névoa que invade um campo exangue⁷.

Mas está ao teu lado, a cronometrar,
Em seu velho relógio teu tempo de vida.
Pra bater o sino; e compor a partida.
E passas a vida a lhe esperar.
Eu também irei; eu não posso negar,
Um dia eu hei de dormir sobre o chão.
Vai haver a batida de um carrilhão,
Sobre o corpo que jaz em um sétimo dia
E todos hão de chorar a vida que partia
Ao som de um órgão com um cantochão⁸.

- 1 - Balordo: Imundo.
- 2 - Divagar: Andar sem rumo.
- 3- Fordo: envergonhado.
- 4 - Torvo: sinistro.
- 5 - Seva: cruel, desumana.
- 6 - Amorar: fugir.
- 7 - Exangue: exausto.
- 8 - Cantochão: canto litúrgico.

CARLOS ANDRÉ PAES BENGALY JR. (KATATONIC)

TEXTO: FLORESTA

TENDÊNCIA: Soneto decassílabo heróico. Retomada do ultra-romantismo com influência simbolista. Interação do eu-lírico com a natureza através de alucinações noturnas sob uma atmosfera de terror e fantasia.

Floresta

*"I hear her voice
calling my name
the sound is deep
in the dark
I hear her voice
and start to run
into the trees
into the trees"*

The Cure - A Forest

A noite iluminada à flor da Lua
Brilhante e sibilante¹ pela mata
Compõem a irresistível serenata
Que traz-me ao coração da Terra nua;

A face iridescente² das estrelas
Desenham sobre as folhas e raízes
Mil sombras que ressoam, infelizes,
Um mantra³ me pedindo a socorrê-las;

Andando até o núcleo da floresta,
Escuto a melodia mais funesta⁴
Que abrange toda a angústia do infinito:

É o canto que, soprado ao vento forte,
Me arrasta pros grilhões⁵ da própria morte
Ceifando⁶ a minha alma num só grito!

1 - Sibilante: algo ou alguém que assopra produzindo um silvo agudo e prolongado.

2 - Iridescente: que reflete as cores do arco-íris.

3 - Mantra: do sânscrito Man (mente) e Tra (alavanca). Símbolo ou poema religioso em sânscrito contendo algum poder específico, entoado e repetido como orações.

4 - Funesta: Sinistro, desgraçado, cruel; Que traz consigo a morte.

5 - Grilhões: Corrente forte de metal; Prisão.

6 - Ceifar: Cortar com uma foice.

TEXTO: MODERNIDADE

TENDÊNCIA: Soneto decassílabo heróico. Influência de simbolismo e parnasianismo. Demonstra a solidão, desalento e falta de inspiração ocasionados pela vida urbana moderna.

Modernidade

Um sol abandonado em longa altura
Prossegue o seu cadente movimento
Além de arranha-céus e do cimento
Que são nossa celeste arquitetura;

Ao longo dessas ruas tão escuras
Cobertas de sujeira e desalento¹,
Só resta a languidez² de frios ventos
Soprando no metal das estruturas.

O mar acinzentado das paisagens
Formado por pessoas e engrenagens
Fluindo em sua urbana arritmia³,

É o rosto desta vida tão estéril
Que leva todo ser pro cemitério
Das rodas funcionais do dia-a-dia.

1 - Desalento: falta de alento, desânimo.

2 - Languidez: Moleza, definhamento, prostração.

3 - Arritmia: Falta de ritmo e melodia.

TEXTO: MADRUGADAS

TENDÊNCIA: Soneto decassílabo heróico. Retomada ao simbolismo. Sobre a tristeza noturna do eu-lírico e a desesperança em sua vida.

Madrugadas

Em tardes que se fecham no ocidente
E extinguem para sempre a sua chama,
A lira¹ da existência já derrama
As notas do meu curso decadente;

No fundo destes céus da minha mente,
A Lua da tristeza já se inflama
Co' o fogo da tristeza, a negra dama
Que há de consumir-me lentamente;

Os ares que circundam a atmosfera
Transformam-se na brisa mais austera²
Que envolve a minha alma em sopro triste;

Ao canto das estrelas apagadas,
Me perco nas silentes madrugadas
Da vida cujo Sol não mais existe.

1 - Lira: Antigo instrumento de cordas.

2 - Austera: Rígido, severo, sério; sombrio, escuro.

TEXTO: INCENSO

TENDÊNCIA: Soneto decassílabo heróico. Retomada ao simbolismo. Sobre a elevação espiritual e intelectual através da meditação e autocontemplação.

Incenso

Incenso de fulgor¹ e toque ralos
Exala docemente essas fragrâncias
Que lavam minhas dores, minhas ânsias
No ardor purificante de seus halos.

Incenso cuja chama me irradia
A essência de universos tão serenos,
Isolam-me do horror e caos terrenos
Num véu de perfumosa melodia.

Traçando pelos ares mil estradas
Que elevam-me as paisagens estreladas
Na paz da solidão contemplativa,

Alcanço a plenitude² consciente
Levando as dimensões de minha mente
A esferas muito além da forma viva.

1 - Fulgor: Brilho; expressão, energia.

2 - Plenitude: Estado em que se acha cheio, completo; grandeza.

LUCIANO ALENCAR

TEXTO: Cantiga de Amigo I

TENDÊNCIA: Trovadorismo – Cantiga de Amigo

(Eu-lírico feminino, lamentação pela distância do amado, amigo, religiosidade, paralelismo, refrão)

*Ê de trovas que cantam os bardos
Ê de distância de meu amigo amado
 Acudi-me senhora da compadecida
Ê de trovas que cantam os monges
Ê de distância de meu amigo longe
 Acudi-me senhora da compadecida
Ê de distância de meu amigo cálido
Ê de saudades de seu antigo pálio¹
 Acudi-me senhora da compadecida
Ê de distância de meu amigo austero
Ê de saudades de seu antigo cheiro
 Acudi-me senhora da compadecida
Ê de saudades de seu antigo cavalo
Ê de sofrimento meu, ê de meu abalo
 Acudi-me senhora da compadecida
Ê de saudades de seu antigo portar
Ê de sofrimento meu, ê de meu lar
 Acudi-me senhora da compadecida*

1 - Pálio: capa ou manto usado em cima de uma armação de madeira onde abaixo vinham figuras religiosas ou membros da realeza.

TEXTO: Cantiga de Amigo II

TENDÊNCIA: Trovadorismo – Cantiga de Amigo

(Eu-lírico feminino, lamentação pela distância do amado, amigo, religiosidade, paralelismo, leixa pren, refrão, presença da confidente)

*Ah! Mãe, mãe minha me diga
Se meu amado anda a intriga
Valei-me meu São Benedito
Ah! Mãe, mãe minha me enfoque
Se meu amado anda a galope
Valei-me meu São Benedito
Se meu amado anda a intriga
Ó de mim Senhor, ó de aflita
Valei-me meu São Benedito
Se meu amado anda a galope
Ó de mim Senhor, ó de sorte
Valei-me meu São Benedito*

TEXTO: Cantiga de Amor I

TENDÊNCIA: Trovadorismo – Cantiga de Amor

(Eu-lírico masculino, vassalagem amorosa, refrão, religiosidade)

*A donzela qu'eu tenho por senhor
É bela caçadora de vastos prados
E de planícies de verdes orvalhados
Teu vassalo leal se atreve mia senhor
Ai Pai ponde-me aos pés a qu'almejo
Qu'eu possa ter a honra de'm beijo

Ode a vós donzela caçadora dai-me os santos
Em musa flor quimera, ai de'm beijo
Arbusto de canela, flecha e arco de teixo
Ode a vós donzela caçadora, ode em prantos
Ai Pai ponde-me aos pés a qu'almejo
Qu'eu possa ter a honra de'm beijo

Posto que amor de mia senhor é sorte
Ai desse que não a tem alguma
Ai desse que não a faz suma¹
Rogo-vos pois: intercedei São Jorge
Ai Pai ponde-me aos pés a qu'almejo
Qu'eu possa ter a honra de'm beijo*

1 - Suma: antigo para soma

TEXTO: Cantiga de Amor II

TENDÊNCIA: Trovadorismo – Cantiga de Amor

(Eu-lirico masculino, vassalagem amorosa, refrão, religiosidade)

*A flecha de Eros¹ foi o peito me perfurar
A guerra agora estou sofro-me a pelejar
Longe de mia Senhor, senhora de meu mar
Qu'és tão bela Suserana de meu todo amar
Ai mares, ai mares
Venturas pelos ventos eu vim
Amares, amares
Sã' José intercedei por mim*

*'Inda que custe-me a vida, por vós eu vim
A beleza vossa abraçada junto a mim
É imagem mais bela de redenção de Caim²
Pesai meu coração³, vede como está ao fim
Ai mares, ai mares
Venturas pelos ventos eu vim
Amares, amares
Sã' José intercedei por mim*

1 - Eros: Nome grego do cupido, deus do amor.

2 - Caim: Filho de Adão com Eva; traiu o próprio irmão Abel.

3 - Pesai meu coração: Psicostasia, na mitologia egípcia Anúbis pesava o coração das pessoas na morte que simboliza a consciência delas e de acordo com o peso e a confissão de inocência que o falecido tinha que cumprir na frente de Osíris e dos 42 deuses (representando os 42 nomos do Egito), se inocente, viveria para sempre no campo dos juncos, se culpado, seria engolido por um monstro.

ME MORTE

TEXTO: O Plebeu e a Princesa

TENDÊNCIA: O amor contemplativo. A primeira parte do poema em tercetos é relativo ao estado contemplativo do plebeu em relação à princesa. A autora muda de tom nos quartetos finais quando é comprovado o amor apenas contemplativo e reverente sem reciprocidade.

O Plebeu e a Princesa

Vós tendes olhos de princesa
A Purpurina e a realeza
Em elos de advertência

Recriei-vos todos os hinos
Na inocência de um menino
Atravessando a adolescência

Vós tendes sonhos mui secretos
E mil castelos de concreto
Rabiscando o horizonte

Clarearei o céu escuro
Iluminando o vosso futuro
Iludidamente longe

A vos doei todos os anos
Nos vossos olhos de princesa
Purpurina e desenganos
E um castelo de tristezas

Hoje sigo lentamente
Recriando o horizonte
Passo a passo, coerente.
Como monge, vou distante...

PABLO FLORA

TEXTO: Uma Flor-de-Lótus que Nasce

TENDÊNCIA: Soneto com métrica invariável, raízes simbolistas, inspirado no misticismo que envolve a flor-de-lótus, que é um símbolo de pureza, pois mesmo nascendo do lodo sua aparência é imaculada, e tal pureza desperta de novo o amor nos corações adormecidos.

Uma Flor-de-Lótus que Nasce

Será num campo de dolências¹ amorosas:
uma viração² a passar tácita³ despertando
nos corações adormecidos o leve pranto...
que não é de morte, mas de olorosas

e inconstantes raras flores vaporosas,
que reacendem vidas sem encanto;
e nascerá no mais sombrio pântano
a flor símbolo de pureza misteriosa,

que brota do fundo do lodo impoluta⁴
com as suas pétalas cheirando a guardado
como um amor intato há tempos esperado;

e nos corações adormecidos emergindo
a flor-de-lótus que vai terna expandindo
seus sentidos no ser de vida dissoluta⁵.

1 - Dolências; dolente: que manifesta dor.

2 - Viração: vento brando e fresco que à tarde sopra do mar para a terra.

3 - Tácita; tácito: silencioso.

4 - Impoluta: pura, sem manchas.

5 - Dissoluta; dissoluto: devasso, libertino.

TEXTO: DESVARIO DO VENTO

TENDÊNCIA: Poema com raízes simbolistas que retrata impasses da vida, frustramentos.

Desvario do Vento

Inalcançável fitava distante
a estrela harmoniosa reluzente;
seduzia-me e projetava-me a ela...
Qualquer aflição, ínfima¹ se tornava
com tanta ternura e graça esbanjadas.

Ilusão, tangível² se tornando
e tateada quase sendo
mas um vento volveu-se brando
e à rota das nuvens alterando...
Tornando malgrado³ o encantamento.

1 - Ínfima; ínfimo: o mais baixo de todos.

2 - Tangível: o que se pode tocar.

3 - Malgrado: frustrado, que não se realizou.

TEXTO: DAS PÉTALAS DA ROSA

TENDÊNCIA: Poema que exalta o lado gracioso da rosa: as pétalas, ou, o lado bom do amor.

*“Há uma primavera em cada vida:
É preciso cantá-la assim florida”
(Florbela Espanca).*

Das Pétalas da Rosa

Multirroza: rosa de símbolos,
sugestões, seduções, sensações...
Desperta multifários¹ estímulos
por fragrâncias e emoções!

Tem cheiro leve, doce; olores...
Atrações, gozações, mar em flores...
Brilha como um luar, divina...
essa que é tantas e me fascina!

Embeleza a roseira toda bela;
nenhum outro cheiro é maior
que o extasiado² cheiro dela:
vive lépida exalando o melhor...

Nas salas, janelas... em toda parte
é alma olorosa e virtuosa de alegria;
nas camas, campos... várias artes...
É branca; lúbrica³; um claro dia!

1- Multifário: que tem muitos aspectos.

2 - Extasiado: relativo a êxtase.

3 - Lúbrica: sensual.

POETA LENDÁRIO

Título: O ouro e a prata às mais sacras esculturas! (Soneto)

Tendência: Barroco – (Cultismo; Poesia Sacra; Arte pela Arte)

O ouro e a prata às mais sacras esculturas!

O ouro e a prata às mais sacras esculturas!
Em diamante e esmeralda às vestes santas!
No coração, rubi às sacrossantas...
Almas; pedras preciosas de culturas.

Lapidar e esculpir em grand¹ alturas!
Estátuas colossais às quais tu cantas!
Os ícones², na igreja, a ti, te encantas!
Aos santos as mais belas sepulturas.

O escultor e o pintor melhor é Deus!
Artista agracia à alma as agudezas...
Do cântico a canção de um semideus.

Anjos e almas de mui³ delicadezas...
Paradisíaca igreja onde há o adeus!
E a alma santa e sacra há de mor grandeza.

(Bruno Fagundes Valine)

1 - Grand': contração da palavra “grande” (recurso de licença poética).

2 - Ícones: imagens dos santos, geralmente em mosaicos bizantinos.

3 - Mui: arcaísmo da palavra “muito”.

Título: Tão Bela és tu, Natureza! E és tão Formosa! (Soneto)

Tendência: Arcadismo – (Culto à Natureza; Arte pela Arte)

Tão Bela és tu, Natureza! E és tão Formosa!

Tão Bela és tu, Natureza! E és tão Formosa!¹

Oh, Ferosura! E és Ferosura e és Bela!

És mui² fea³ nunca! Bela s'rá⁴ sempre Ela!

Doce süadade, sim! Sempre Formosa!

Cousas dum ledo Amor! Meiga e Mimosa!

Montanhas, vales, rios, flores – Nela!

Mãe gentil de encantar-se só de Vê-la!

Co Infinita Beleza tão Charmosa!

Mostra-te sempre assi⁵ – Humilde e Empática!

Hás jactância no Amor; non⁶, na Saudade!

Non há distância próxima à Beleza!

E non há Nostalgia e nem Süadade!

Minh'alma fez co'a⁷ tu'Alma quão Simpática!

Oh, Vossa Majestade! Oh, Grand'⁸ Realeza!

(Bruno Fagundes Valine)

1 - Formosa: arcaísmo da palavra “formosa”.

2 - Mui: arcaísmo da palavra “muito”.

3 - Fea: arcaísmo da palavra “feia”.

4 - S'rá: contração da palavra “será” (recurso de licença poética).

5 - Assi: arcaísmo da palavra “assim”.

6 - Non: arcaísmo da palavra “não”.

7 - Co'a: contração (recurso de licença poética) e arcaísmo de “coa”.

8 - Grand': contração da palavra “grande” (recurso de licença poética).

TEXTO: A arte pela arte e engenho lapidado (Soneto)

TENDÊNCIA: Parnasianismo – (Arte pela Arte; o poeta isola-se do mundo a dedicar-se à arte e somente pela beleza que há nela mesma e por ela mesma)

A arte pela arte e engenho lapidado

A arte pela arte¹ e engenho² lapidado,
Ao artista, um escultor a um poeta é afim³;
O estúdio do pintor na torre de marfim⁴,
O estúdio do cantor no claustro⁵ de cuidado.

A obra de arte do artista – o qual sempre abrandado:
Em pintura, ou canção; poema, ou estátua – enfim.
De ávido empenho desde o início, meio e fim;
E a aparência será como haver se acordado.

A etiqueta, o requinte e a classe do escultor
Consta⁶ de estátua sóbria e à sombria expressão
Do grandiloquo⁷ quadro o qual consta ao pintor.

As técnicas de voz na erudita canção
E a contida emoção, postura do cantor.
Toda a arte inspira o artista! – o poeta à perfeição!

(Bruno Fagundes Valine)

1 - Art pela arte: o poeta dedica-se a escrever por prazer de descrever a beleza de objetos

2 - Engenho: a arte de compor versos (semelhante ao “engenho” de Camões).

3 - Afim: semelhante.

4 - Torre de marfim: metáfora consagrada de designa o lugar de isolamento do artista.

5 - Consta: haver, existir, ter.

6 - Grandiloquo: grandioso.

TEXTO: Branca de Neve (Soneto)

TENDÊNCIA: Parnasianismo – (Arte pela Arte); Simbolismo – (Musicalidade nos Versos: Aliteração, Assonância, Paronomásia; Linguagem Sugestiva: Metáfora, Comparação)

Branca de Neve

Teus Lábios Carmesim! Rubros igual à Rosa!...
Como o Escarlate em Teu Rostinho Envergonhado...
Coras¹ Rubra em Carmim de um Vermelho Acanhado...
Em Sangue da Maçã do Rosto e Boca Airosa!...

Cabelos Negros como Ébano² e Esplendorosa!...
Obscura Escuridão! Sonho e Sono Sonhado...
Em Treva e Negridão um Anjo Adivinhado...
A um Traço em Preta Cor de Pintura Amorosa!...

Cândida Princesinha e Pálida Criatura...
Albina³ Alvura d'Alva e Casta e Pura e Leve!...
E a Pele Branca como a Neve d'Alma à Altura!...

Cabelos Negros d'Anjo Inocente a Alma se Eleve!...
No Lábio a Perfeição e Escarlate Pintura!...
E a Pele d'Alva Cor d'Anja Branca de Neve⁴...

(Encanto das Sombras)

1 - Coras: 2ª pes. do sing. do verbo corar; envergonhar-se, enrubescer-se, tornar-se rubro.

2 - Ébano: árvore cujo tronco e caule são de cor escura e quase preta.

3 - Albina: pessoa de cor de pele muito branca devido à falta de pigmentação na pele.

4 - Branca de Neve: clássica personagem de um dos contos dos Irmãos Grimm.

ROMMEL WERNECK

TEXTO: ANTES, AGORA E SEMPRE

TENDÊNCIA: Soneto decassílabo heróico, dependência da criatura amada, sofrimento amoroso, contraste entre a beleza da quaresmeira e o estado de feiúraem que fica o eu-lírico e a vida.

ANTES, AGORA E SEMPRE

Quaresmeira de meu triste jardim,
Fincaste em mim inúmeras raízes,
Mas deixaste também mil cicatrizes,
Rugas que jamais, nunca terão fim.

Tronco magro que muito me fascina,
Tornando a vida suja e macilenta¹,
Somente a tua seiva² me sustenta!
Somente tu és pulcra³ e grã⁴-divina

Antes, agora e sempre, só chorando...
Antes num quarto pálido e sem luz...
Agora acorrentado numa cruz...

Sempre e sempre, estará a boca sedenta
Gemendo unicamente um grito brando:
Somente a tua seiva me sustenta!

1 - Macilenta: fraca, magra, pálida, amortecida, sem brilho.

2 - Seiva: parte líquida de uma planta, vitalidade, energia, equivale ao sangue

3 - Pulcra: bela, formosa

4 - Grã: grande

TEXTO: JÓIA

TENDÊNCIA: Soneto decassílabo heróico, sensualidade masculina, o uso da palavra jóia para designar o vaso e também o mancebo, retomada da virilidade grega.

JÓIA

O vaso de alabastro¹ e de oferendas
Dedicado ao supremo deus Sol: Febo²...
"Eu te dediquei mil flores e prendas,
Pálido virgem, lânguido³ mancebo!⁴ "

Augusta forma, fino vaso helênico,
Obra de arte perfeita e tão brilhante...
" O teu corpo expressivo, belo e cênico⁵
Brilha perfeitamente, casto amante! "

O vaso pagão, jóia das grandezas,
Do qual o povo longínquo⁶ se serviu,
Louvado é por museus priscos⁷, tristonhos....

" Mas teu corpo que nunca se sentiu,
Ícone da pureza das purezas,
Só por mim é adorado em doces sonhos!

1 - Alabastro: material de escultura, *Antig gr e rom* pequeno vaso alongado para óleos, unguentos e perfumes

2 - Febo: significa brilhante e passou a ser o principal título de Apolo, deus da poesia e beleza masculina

3 - Lânguido: sem forças, abatido, frouxo, doce, brando, voluptuoso.

4 - Mancebo: *desuso* Jovem, moço, rapaz.

5 - Cênico: da cena ou referente a ela

6 - Longínquo: distante

7 - Prisco: velho, antigo

TEXTO: DORMINDO

TENDÊNCIA: Hendecassílabo. Contemplação da amada dormindo, noite e dia, pedido de descanso para a amada.

DORMINDO

Durma! Não faz frio e nem quente. Só morno!
Imagina o quão suave é a tua cama
Enquanto eu contemplo teu forte contorno
E em mim brilha terna e escuríssima flama¹

Sonha! Tu és lânguida pérola e adorno²
Da noite bonita que tanto te chama
A um sonho perfeito sem dor ou transtorno
Pois tal como eu a fúlgida³ noite bem te ama

Raia a aurora augusta e nunca em desadorno
Que p'ra ti um soneto sublime declama
Surgindo o Sol Rei em fulgor de pleno forno

Durma e sonha pois o Sol já se embalsama
E a lua planeja o próximo retorno
Durma minha pérola, lânguida dama!

1 – Flama: chama

2 - Adorno: ornamento, enfeite.

3 - Fúlgida: brilhante

TEXTO: NO TEMPLO DO TEMPO

TENDÊNCIA: Soneto decassílabo heroico inspirado num jogo de vídeo game; heroísmo épico; Triforce: poder, coragem, saber; aliteração no 1º terceto representando o barulho da espada

NO TEMPLO DO TEMPO

*"The Ocarina of Time opened the door.
The Hero of Time, with the Master
Sword, descended here."¹*

Nintendo. The Legend of Zelda: Ocarina of Time.

Templo do tempo, lúcido² transporte
Onde o pequeno moço da floresta,
Nosso herói, ganha vida, fica forte
E recebe a coragem alta e honesta.

Sete anos, sete luzes, sete mundos...
A princesa se afasta do rapaz...
Cruel destino, lépido³ e fugaz⁴!
Sete anos, sete luzes, sete mundos...

A espada bate, brilha no combate...
Em ti, quanta coragem sábio novo!
A coragem rebate, brilha e bate...

O jogador escreve bela história
E revela pra todo o nobre povo
Poder, saber, coragem: grande glória!

1 - Retirado do jogo de vídeo game The Legend of Zelda: Ocarina of Time. Trad.: A Ocarina do Tempo abriu a porta. O Herói do Tempo, com a Espada Mestra, surgiu aqui

2 - Lúcido: de luz, iluminado

3 - Lépido: *pop* lesto, ligeiro; jovial, risonho, alegre, de bom humor, gracioso, prazenteiro; mofador, motejador.

4 - Fugaz: que foge facilmente ou com rapidez; rápido, veloz; transitório. Não é o mesmo significado que lépido, nunca temos palavras com significado igual, apenas semelhantes e lépido também traz uma carga de graciosidade com a velocidade, a idéia é de que o destino é transitório, arisco e rápido, porém tem seu lirismo e graciosidade.

VITOR DE SILVA

Texto: Castiçais (soneto).

Tendência: Romantismo Moderno.

(Eu-lírico em tom confessional desenvolve o tema da vontade de superação. Constata a impossibilidade de vencer as tramas do sentir.)

Castiçais

Reduz ao microcosmo especular¹,
da minha sensação iconoclasta²
nas chamas fronteiriças³ do adentrar,
o mártir⁴ na agonia impura e vasta.

Pois quero da ilusão segura e casta
na velha danação⁵ de fermentar
os pesos do sentir a dor que arrasta
a própria geração da dor de amar.

Tocando castiçais de meu segundo
à sorte de vertê-los pelo mundo,
enquanto nas ascetes⁶, outra chama

ilude esta razão no mesmo peito.
Se for então saber, quero o conceito
de sempre repousar na mesma flama⁷!

1 - Especular (es.pe.cu.lar), *adj m+f (lat specularē)* 1 Relativo a espelho. 2 Diz-se de brilho semelhante ao do espelho. 3 Diáfano, transparente.

2 – Iconoclasta (i.co.no.clas.ta) *adj e s m+f (gr eikonoklástēs)* Que, ou quem destrói imagens religiosas ou ídolos.

3 – Fronteiriço (fron.tei.ri.ço) *adj (fronteira+iço)* Que vive ou está na fronteira ou perto dela.

4 – Mártir (már.tir) *s m+f (gr mártys, yros, pelo lat)* Pessoa que sofre por sustentar as suas crenças ou as suas opiniões.

5 – Danação (da.na.ção) *sf (lat damnatione)* Condenação às penas eternas.

6 – Ascese (as.ce.se) *sf (gr áskesis)* 1 Prática da devoção ascética. 2 Aspiração às mais altas virtudes.

7 – Flama (fla.ma) *sf (lat flamma)* Ardor.

TEXTO: Espasmos (soneto).

TENDÊNCIA: Decadentismo.

(Eu-lírico confrontando as adversidades filtradas dentro das sensações oníricas de sofrimento e ilusão. Presença de elementos sugestivos do simbólico.)

Espasmos

Eu neste céu escarlate¹ vou vivendo
Podres arcadas² amplas, saturnais³,
Qual um despejo de notas. Meu credo
Vai retesando⁴ as liras⁵ sepulcrais⁶.

O som do horror e túmulos recendo⁷
Nas elegias flébeis⁸, em mais e mais,
Do fumo gordo banhando e tendo
O meu desejo de arranhar astrais

Incontroversos em volúteis⁹ dores
Acossadas¹⁰ nos pêsames da vida,
Suspirando auroras de pendores¹¹...

É só na noite que eu sonho o dia;
Se nunca tarda o passo da subida,
Ou putrefato à minha escadaria.

1 - Escarlate *adj m+f (fr escarlate)* De cor vermelha muito viva.

2 - Arcada *sf (arco+ada)* 1 Seqüência de arcos suportados por colunas ou pilastras.

3 - Saturnal *adj m+f (Saturno, np+a^β)* Relativo a Saturno, deus do paganismo, ou às festas celebradas em sua honra, na Roma antiga. *sf* 1 Festim orgíaco; bacanal. 2 Devassidão. *sf pl* Festas em honra de Saturno, na Roma antiga.

4 - Retesar (*reteso+ar*) *vtd* e *vpr* Tornar(-se) teso; enrijar(-se).

5 - Lira *sf (gr lýra)* 1 *Mús* Instrumento de cordas, conhecido desde a mais alta antiguidade, que tinha a forma de um U, atravessado no alto por uma barra em que se prendiam as extremidades superiores das cordas e que se usava para o acompanhamento de canto e recitação.

6- Sepulcro *sm (lat septulcru)* 1 Sepultura adornada com campa ou qualquer construção acima do solo. 2 Monumento onde se guardam os restos mortais de uma ou mais pessoas; cova funerária

7 - Recender (*re+enceder*, com metátese) *vtd*, *vti* e *vint*. Exalar (cheiro muito ativo e agradável).

8 - Flébil: flébil *adj*. 2 gén. *adj*. 2 gén. Choro; plangente.

9- Volúteis = Variante de volúvel e volátil. Volátil *adj m+f (lat volatile)* Inconstante, mudável, pouco firme, volúvel.

10 - Acossar (*a¹+port ant cosso*, do *lat cursu+ar²*) *vtd* 1 Ir no encalço de; perseguir de perto (a caça).

11 - Pendor *sm* (de *pender*) 1 Declive, vertente. 2 Obliquidade. 3 Inclinação, índole, propensão, tendência.

ZELIA NICOLODI

TEXTO: HEI DE EVADIR-ME

TENDÊNCIA: Soneto dodecassílabo. Anseios de busca. Inconformidade com a limitação da cadeia de emoções.

Hei de Evadir-me

Minha alma clama, horizontes mais abertos
em vôos livres a planar por sobre o sol!
Já não contento meus andares sempre perto...
Hei de ir mais longe ouvir de perto o rouxinol.

Quero perder-me nessa busca sem destino,
deixar o vento ser meu guia, meu farol...
Sem nenhum temor, me entregar como um menino
ao tato terno desse eterno girassol!

Tocar o céu, com as asas do meu sonho
e tingir o azul com versos que eu componho
em melodias, quase sempre assim, tão tristes!

Hei de evadir-me de uma vez dessas cancelas...
Soltar meu barco, confiante nessas velas,
num vôo imenso, tão solto e sem limites...

TEXTO: VENHO DE LONGE

TENDÊNCIA: Soneto decassílabo, onde os versos trazem a inspiração quase inconsciente de outras vidas.

Venho de Longe

Venho de longe, venho de outras vidas...
Irmã do vento, do sol e da lua!
Do tempo em que a terra achava-se nua,
venho de eras já quase esquecidas...

De um tempo sem tempo, em que ainda mudo
era o verbo... A luz inda não brilhava...
No caos liberto e tão solto imperava
a eterna noite de negro veludo!

Trago em mim, das estrelas, a poeira
de um universo sem dualidades,
na liberdade tão pura e sem nome!

Venho de longe, dum tempo sem fome,
sem caridades e tão sem maldades!
de um Universo vasto e sem fronteiras...

TEXTO: QUARTO AZUL

TENDÊNCIA: - Soneto decassílabo que fala da espera de alguém que não esquece o seu amor.

Quarto Azul

Tem um quarto na casa dos meus sonhos,
que bem fechei a porta por enquanto...
Lá dentro, guardei todos os encantos,
que em horas delicadas eu componho...

Salpicadas de azul, são as paredes
co'as letras que escrevia para mim...
E o perfume tão doce de jasmim,
ainda adormecido em nossa rede!

Em nada toco e nada eu desfaço
pois sei que, um dia, você vai voltar...
Novamente rever tudo que é teu.

Nas lembranças, repousa esse amor meu...
Em belos cantos, soltos pelo ar
Na doce espera onde não há cansaço...

TEXTO: NÃO TEMO AS SOMBRAS

TENDÊNCIA: Soneto dodecassilabo, escrito em momento de reflexão.

Não Temo as Sombras

Não temo as sombras que deslizam sorrateiras
e empalidecem os sorrisos que já sentem...
Nem seus domínios que se instalam livremente
e já toldam o meu céu, ofuscando as estrelas.

Não temo a escuridão, pois já não tenho medo.
Nem cedo a seus apelos falsos, insistentes...
Já sei dos seus domínios tão inconsistentes,
à força tão efêmera, frágil, não cedo...

Pois aprendi que a sombra é somente outra face
da luz, que dorme um leve sono e já acorda,
tão branca e esplendorosa, toca leve o chão...

Em gestos flutuantes toma minha mão
me conduzindo ao raro jardim onde borda,
risos e flores em delicados enlaces!

BIBLIOGRAFIA

BRENO FILTH: <http://poemasbreno.blogspot.com/>

CAMILLE CLAUDEL (GEOVANA):
<http://recantodasletras.uol.com.br/autores/camilleclaudel>

DÉIA TUAM: http://recantodasletras.uol.com.br/autor_textos.php?id=40237

DENISE SEVERGNINI: www.denisevergnini.recantodasletras.com.br/

EDIR PINA DE BARROS: <http://recantodasletras.uol.com.br/autor.php?id=46203>

GABRIEL RÜBINGER: <http://recantodasletras.uol.com.br/autor.php?id=20577>

KATATONIC: <http://recantodasletras.uol.com.br/autores/carlosandrepas>

ME MORTE: <http://www.memorte.recantodasletras.com.br/>

LUCIANO ALENCAR: www.recantodasletras.com.br/autores/boizin

PABLO FLORA: <http://recantodasletras.uol.com.br/autor.php?id=54530>

POETA LENDÁRIO: <http://recantodasletras.uol.com.br/autor.php?id=36122>

ROMMEL WERNECK: <http://recantodasletras.uol.com.br/autores/rommelwerneck>

VITOR DE SILVA: <http://recantodasletras.uol.com.br/autor.php?id=45486>

ZÉLIA NICOLODI: <http://recantodasletras.uol.com.br/autor.php?id=13655>

POESIA RETRÔ, A POESIA DE SEMPRE

<http://poesiaretroapoesiadesempre.blogspot.com/>

DESIGNER RESPONSÁVEL PELO E-BOOK EM PDF:
Márcio Marcelo do Nascimento Sena www.literaturaperiferica.ning.com

DESIGNER RESPONSÁVEL PELO E-BOOK EM PPS (APRESENTAÇÃO DE SLIDES) DENI-
SE SEVERGNINI: www.denisevergnini.recantodasletras.com.br/

REVISÃO: GABRIEL RÜBINGER

NOSSO SINCEROS AGRADECIMENTOS!!!